

A MODALIZAÇÃO NOS GÊNEROS TEXTUAIS ICÔNICO-VERBAIS

AUDRIA LEAL

(Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa /
Fundação para a Ciência e a Tecnologia)

ROSALICE PINTO

(Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa /
Fundação para a Ciência e a Tecnologia)

ABSTRACT: Based mainly on social interactionism (ISD), this article aims to prove that (1) generic aspects can influence the choice of the modality/point of view marker by the producer; (2) modal values can be inferred by a statement; (3) the enonciative complexity is in relation with the choice of the modality; (4) the image can act differently depending on the textual genre it is included. Considering that the verbal and non-verbal resources interact and act differently, depending on the genre, we intend to prove the importance of the visual construction as a point of view marker in some textual genres. Besides the ISD, the analysis was developed with theoretical contribution from Campos & Xavier (1991); Charaudeau (1992); Le Querler (1996) e Campos (2004).

KEYWORDS: textual genres; Socio-discursive Interacionisme; enonciative mecanismos; modality/modalization; point of view markers.

1. Introdução

Na perspectiva adotada neste artigo, assumir-se-á que os *gêneros textuais* podem ser analisados a partir de textos empíricos que correspondem a *unidades comunicacionais globais* que interpretam a atividade de linguagem em que se inserem e esta última, por sua vez, é traduzida no próprio texto. E, ainda, que todo texto ao ser produzido *adota e adapta* modelos de texto/gênero já existentes.

Dessa forma, ao se analisar um texto empírico, que pode vir a ser plurisemiótico em função do gênero ao qual se integra, devemos levar em conta fatores contextuais de ordem praxiológica e aspectos linguístico-textuais, duas vertentes que compõem intrinsecamente *gênero/texto* e que interagem entre si. Assim, na análise de certos textos, aspectos não-linguísticos devem

Estudos Linguísticos/Linguistic Studies, 3, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2009, pp. 319-332

ser relacionados com os aspectos linguísticos de forma a se perceber o funcionamento dos componentes que estão presentes no texto e, com isso, contribuir para o entendimento das atividades comunicativas humanas.

Com isso, dentro do quadro teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo (doravante ISD) em que as operações psicológicas realizadas por um agente quando se depara com dada situação de ação de linguagem determinam não só a escolha do gênero como a própria arquitetura textual (infraestrutura, mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos), temos como objetivo estudar de que forma a escolha das modalizações e de outros marcadores de ponto de vista é condicionada por questões relativas aos gêneros.

Tendo como base o pressuposto acima referido, procurar-se-á defender a tese de que as modalizações, que fazem parte dos mecanismos enunciativos integrantes da arquitetura textual, são coibidas por questões de ordem genérica, como pontua Bronckart (1999). Face ao exposto, pretende-se demonstrar a correlação entre a seleção ou não de um tipo de *modalidade linguística / marcador de ponto de vista* e as coerções contextuais presentes em um gênero icônico-verbal. Tal estudo se centrará em procurar responder principalmente a três importantes questões: (1) como encontrar caminhos para a análise dos mecanismos enunciativos em gêneros plurissemióticos? (2) como lidar com a complexidade de instâncias de produção em gêneros textuais que poderiam ser considerados não-autorais¹? 3) como classificar *valores modais* implícitos?

Para responder tais questões, centrar-nos-emos na análise de dois gêneros textuais: *um cartoon* do Luís Afonso² (cartunista português) datado do dia 24 de janeiro de 2006 e *um outdoor* político do Partido Nacional Renovador (PNR) de março de 2007. No intuito de atingirmos o nosso objetivo, este trabalho será dividido em duas partes.

Primeiramente, procurar-se-á mostrar, dentro do quadro teórico do ISD, de que forma a categoria gramatical “modalização” é definida e integrada aos mecanismos enunciativos. Ainda, no intuito de dar conta da análise dos gêneros de texto selecionados, complementaremos a proposta apresentada pelo ISD, para o estudo desta categoria, com o contributo de outras perspectivas teóricas que estudaram a questão, entre elas: Culioli (1990), Campos & Xavier (1991), Charaudeau (1992), Le Querler (1996), Campos (1997, 2004). Com isso, neste trabalho, não deixamos de relevar o tratamento insuficiente que é dado pela gramática tradicional ao fenômeno da modalização,

¹ Neste trabalho, consideramos os gêneros *não-autorais* aqueles que não possuem uma indicação paratextual no título ou no sub-título e fazem parte dos gêneros *instituídos*. Para esta definição, baseamo-nos em Maingueneau (2005: 97). Esse autor afirma que os gêneros *autorais* apresentam tal característica. Estes últimos, inclusive, correspondem, para o autor, aqueles denominados *rotineiros* e *autorais*, em publicações anteriores.

² Cartunista português dos jornais *A Bola* e *Público* (onde publica há dezassete anos a tira diária *Bartoon*), dentre outros.

uma vez que este não é visto pelos gramáticos em geral sob o prisma enunciativo.

Numa segunda parte, observar-se-á a correlação que possa vir a ser estabelecida entre essas estratégias enunciativas e os gêneros selecionados através da análise dos textos.

Na verdade, com este trabalho, pretendemos corroborar a tese de que tanto as *modalidades* quanto os *marcadores de ponto de vista* são unidades semióticas fortemente condicionadas pelos gêneros textuais em que estão integrados.

2. Fundamentação teórica

No quadro teórico do ISD, como sabemos, existe um modelo coerente da organização interna dos textos que corresponde à própria *arquitetura textual* ou ao *folhado textual*. No interior deste, existem três níveis hierárquicos³, o *mais superficial* (uma vez que está mais relacionado à interação estabelecida entre o agente produtor e os seus destinatários) corresponde aos *mecanismos enunciativos*. Estes envolvem duas vertentes: de um lado, uma voz supra-ordenada que rege as diferentes vozes do texto e, de acordo com o tipo de discurso mobilizado, poderá ser a de um expositor ou de um narrador e vozes infra-ordenadas – voz do autor, vozes de personagens, de instâncias sociais –; do outro, as modalizações⁴ que traduzem comentários acerca de elementos do conteúdo temático⁵. Esses mecanismos enunciativos, segundo Bronckart, *parecem mais relacionados à organização geral do gênero* (Bronckart, 2004: 116).

Para o estudo da modalização, objeto de estudo deste trabalho, são pontuadas, dentro do ISD, quatro funções, são elas: a *lógica*, a *deontica*, a *apreciativa* e a *pragmática*. A primeira diz respeito a uma avaliação de elementos do conteúdo temático, seguindo critérios (ou conhecimentos) elaborados a partir do mundo objetivo; a segunda consiste numa avaliação de certos elementos do conteúdo temático apoiada em valores, opiniões e regras constitu-

³ Os outros níveis são: um nível mais profundo denominado *infra-estrutura* do qual fazem parte o plano do texto, os tipos de discurso, as seqüências e outras formas de planificação; um nível intermediário em que existem os *mecanismos de textualização* (conexão, coesão verbal e nominal). Para mais detalhes, ver Bronckart (1999).

⁴ Bronckart (1999: cap. IX) não faz a distinção entre *modalidade* e *modalização*. Autores como Vion (2004: 101) fazem essa distinção e pontuam que a *modalidade* pode ser definida como “l’univers dans lequel le sujet réagissant inscrit la représentation qu’il construit de son discours”, sendo assim, está sempre presente no enunciado. Já a *modalização* corresponde a uma atitude particular: o *desdobramento enunciativo*, a que Authier-Revuz (1995) denomina *modalização autonímica*. Nós preferimos, neste trabalho, não fazer distinção entre *modalidade* e *modalização*.

⁵ Lembremos que a definição de “modalidade linguística” é de certa forma consensual e corresponde à categoria gramatical que representa as diferentes atitudes do locutor em relação a um conteúdo proposicional e ao seu interlocutor – Palmer (1986); Campos (2004), dentre outros.

tivas do mundo social; a terceira consiste numa avaliação a partir do mundo subjetivo de aspectos do conteúdo temático; a quarta é de responsabilidade de uma entidade constitutiva do conteúdo temático (personagem, grupo, instituição) que atua como agente. Vale ressaltar que essas funções são demarcadas por estruturas lingüísticas diversas, sendo que uma categoria pode estar inserida em mais de uma função.

Ressalte-se ainda que, embora muitas dessas classificações já tivessem sido propostas por outras correntes teóricas⁶, o grande contributo do ISD para o estudo das modalizações foi o fato de relacioná-las aos gêneros textuais. Como afirma Bronckart:

[...] enquanto alguns textos estão saturados de unidades de modalização, em outros, essas mesmas unidades são raras ou ausentes. Essas diferenças de frequência parecem estar relacionadas ao **gênero** a que pertence o texto: as unidades de modalização poderão, por exemplo, estar quase ausentes em algumas obras enciclopédicas, em alguns manuais científicos, ou ainda em alguns “faits divers”.

Bronckart (1999: 334)

Se a categorização das modalizações pontuada pelo ISD parece ser suficiente para a análise de certos textos, observamos que, para outros, ela não consegue ‘dar conta’ da complexidade enunciativa instaurada textualmente. No nosso caso, inclusive, ao trabalhar com textos inseridos em gêneros icônico-verbais, ela não nos é suficiente, tendo de complementá-la com o contributo de outros teóricos que estudaram essa problemática. Dessa forma, salientaremos aspectos levantados por Campos & Xavier (1991), Charau-deau (1992), Le Querler (1996) e Campos (2004) que nos ajudaram a analisar os textos e complementar algumas questões pouco exploradas pelo ISD, no que tange ao estudo das modalizações.

Um primeiro fator a ser salientado é que os textos, por nós analisados, mesclam, no universo textual, unidades plurissemióticas (verbais e não-verbais), sendo que algumas dessas unidades não-verbais podem vir a marcar também avaliações, comentários de vozes instaurados textualmente. Conseqüentemente, consideraremos que poderão existir *marcadores de ponto de vista*⁷ não-verbais, que denotam a atitude do Locutor em relação ao conteúdo proposicional. Tais marcadores serão de extrema relevância no nosso caso, pois trabalhamos, como já mencionamos, com gêneros plurisse-

⁶ Citemos, neste contexto, o trabalho de Bally (1945), ou os de Culioli (1990) e Pottier (2000). Em Português europeu, os contributos de Campos & Xavier (1991), Carrera (1997), Campos (2004).

⁷ Neste trabalho, os *índices paraverbais* serão designados *marcadores de ponto de vista* para que não haja interferência com a noção de *modalidade lingüística* que vem sendo estudada há muito por várias abordagens teóricas. Vale ressaltar que vários outros teóricos fazem menção a outros elementos que atuam como “modalidades”: Le Querler (1996: 61) menciona a importância da *entoação* em enunciados orais; Kress & Leewen (1996: cap. 5) salientam a relevância dos *modality markers* na comunicação visual.

mióticos. Como afirma Charaudeau (1992), em *Grammaire du sens et de l'expression*, numa citação de grande pertinência:

Il peut se faire enfin que la Modalisation ne soit exprimée par aucune marque linguistique, et que ce soit l'organisation d'ensemble de l'énoncé qui, en relation avec d'autres indices verbaux ou **paraverbaux (intonation, gestes, regards, ponctuation)**, et les particularités de la situation de communication, témoigne d'une Modalité énonciative particulière.

Charaudeau (1992: 573) – grifo nosso

Outro aspecto relevante é que, diferentemente do ISD, que afirma que as modalizações devem ser sempre realizadas lingüisticamente por unidades ou conjuntos de unidades lingüísticas, pensamos – e o provaremos pelas análises – que qualquer asserção, mesmo não instanciada por um marcador lingüístico, pode vir a apresentar implicitamente uma modalização. Como afirma Le Querler:

L'assertion simple [...] ne contient aucun marqueur de l'attitude du locuteur: le contenu propositionnel est posé, l'attitude du locuteur est constatative ou informative, sans aucun marqueur explicite de modalisation [...]. Mais [...] une assertion simple peut aussi véhiculer une modalité implicite, qu'on peut mettre en évidence par la possibilité d'équivalence avec un énoncé contenant un marqueur explicite de modalisation.

Le Querler (1996: 61-62)

E, ainda, à semelhança de Campos & Xavier (1991) e de Campos (2004), pensamos que mesmo uma asserção não instanciada por um marcador lingüístico terá certo valor modal epistêmico. No caso das modalidades epistêmicas, o Locutor pode vir a assumir ou validar, em graus diversos, um determinado conteúdo proposicional ou relação predicativa. Essa validação pode ser apresentada numa escala contínua de valores assertivos. Estes podem ser delimitados por dois pólos: um de assunção máxima – pólo positivo – em que estão presentes a asserção positiva e/ou negativa; outro de assunção mínima ou nula – pólo negativo – no qual o Locutor não dispõe de elementos lingüísticos para validar a relação predicativa. Dessa forma, mesmo gêneros mais instituídos podem apresentar certo grau de modalização.

Tendo complementado o quadro teórico do ISD com questões relevantes, a partir da própria 'solicitação' dos textos em análise, passaremos ao exame do *corpus*. No entanto, é de se ressaltar que as modalizações – bem como os *marcadores de ponto de vista* – podem ser oriundos de *qualquer voz enunciativa* e, decidiu-se, em muitos momentos, pontuar as vozes que originaram essas modalizações para, posteriormente, poder classificá-las.

3. Análise dos textos

3.1. Análise do texto: o *cartoon*

Segundo Mendonça (2002), o *cartoon* é uma atividade comunicativa que tem por objetivo expressar idéias e opiniões, sejam elas políticas, religiosas, esportivas ou mesmo sociais, através de uma imagem ou seqüência de imagens, dentro de quadrinhos ou não, podendo ter balões ou legendas, podendo ser atemporal ou envelhecer junto com as notícias jornalísticas. O *cartoon* pode ser definido como um texto humorístico ou satírico publicado normalmente em revistas ou jornais. Esse gênero textual pode conter elementos caricaturais ou conjugar-se em uma banda desenhada, chamando, assim, a nossa atenção para uma leitura rápida e prazerosa. Na feitura do *cartoon*, que prende a atenção do leitor por um tempo mais curto, utiliza-se uma grande composição não-verbal trazendo ou não trazendo linguagem verbal. Aliás, é a presença da imagem que faz com que esse gênero seja reconhecido como icônico ou icônico-verbal, no qual texto e desenho desempenham papel central. O funcionamento de tal parceria cria os parâmetros da situação de ação da linguagem em curso, trazendo informações sobre personagens, grupos ou instituições e sua relação com o contexto em que estão inscritos.

Esse gênero apresenta uma ação comunicativa condicionada pelo contexto sociocultural. Desse modo, para uma compreensão do *cartoon*, é necessário um conhecimento prévio que nasce da apreensão das informações do mundo ordinário e que gera inferências, possibilitando, assim, um entendimento de idéias e comportamentos sociais. Outra característica do *cartoon* é a construção do humor a partir de uma leitura rápida, possibilitada pela apresentação de uma imagem congelada e distorcida, caricatural, de algum personagem conhecido ou não. Vejamos a figura 1 (página seguinte).

Por se tratar de um texto icônico-verbal, na análise da suas categorias, é imprescindível estabelecer o papel que a imagem tem nos diferentes níveis da arquitetura textual. Isso também é válido para a análise dos mecanismos enunciativos presentes no universo textual. Ao elaborar o *cartoon*, o autor traz o mundo ordinário (o mundo real dos agentes da produção textual) para o texto. Através dos diálogos, temos acesso ao momento da produção em cena; e, através da imagem, conhecemos não só a presença dos produtores desses diálogos como também temos acesso à situação de produção física e social.

O *cartoon* que aqui analisamos, intitulado *Bartoon*, foi retirado do jornal *Público*, que tem tiragem diária. Assim como o jornal, o *Bartoon* também é diário. O autor do texto, Luís Afonso, apresenta sempre a cena do bar, na qual temos o garçon como personagem constante, variando apenas aqueles que frequentam o estabelecimento. Nessa cena de bar, ocorrem diálogos sobre um tema que está sendo recorrente na sociedade, ou ainda, sobre notícias recentes que chamaram a atenção da sociedade portuguesa e que estão sendo bastante comentadas pela mídia. Nesse caso, o tema versa sobre a eleição presidencial que ocorreu no início de 2006. O personagem visitante, não identificado, pois não apresenta características distintivas, lê para o gar-

com uma notícia de jornal sobre o fato de um partido político português, o CDS-PP, ter considerado que a sua participação na campanha presidencial tenha sido decisiva para a eleição do presidente. Ora, é importante saber que o presidente eleito é membro do PSD, sendo este um dos maiores partidos de Portugal. Em contrapartida, também vale salientar que o CDS-PP caracteriza-se como um partido pequeno e que está sempre em coligação com o PSD, formando uma comunhão de ideologias conservadoras e de Direita. Apesar dessa coligação, esse partido vem perdendo a sua força política e, com isso, tendo um papel perfunctório nessa eleição presidencial.

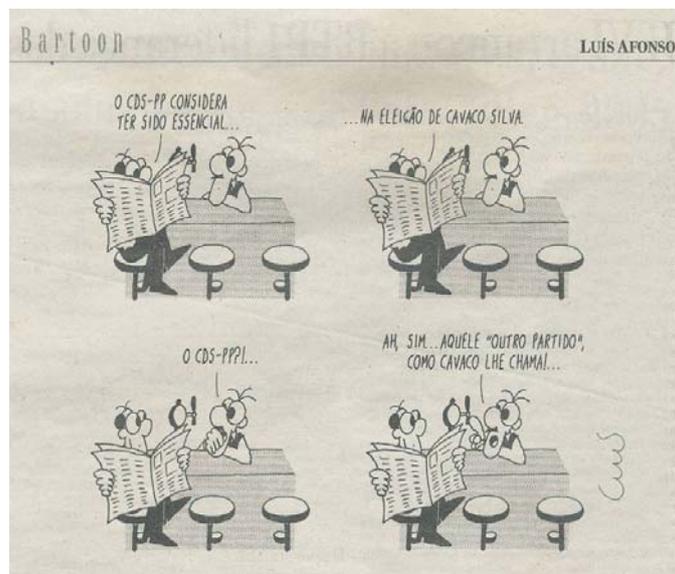


Figura 1: *Cartoon* – 24 de janeiro de 2006

Após a apresentação do conteúdo temático, podemos voltar a nossa atenção para a análise dos mecanismos enunciativos. Como já dissemos anteriormente, falamos em *modalidade* quando nos referimos à validação das relações predicativas. Ou seja, estamos considerando o conhecimento que o enunciador tem sobre o acontecimento. Desta forma, o valor modal pode ser definido como uma categoria expressa pela atitude e opinião do *sujeito enunciativo* frente a um acontecimento ou a aspectos determinados no texto, com isso, pode vir a estar presente em toda a enunciação e se realiza por meio de diversas unidades, sejam elas lingüísticas ou não.

Neste texto, em particular, a primeira marca de modalização é posta já no primeiro balão, quando o visitante lê a seguinte notícia ao garçon: “O CDS-PP considera ter sido essencial na eleição de Cavaco Silva”. Nesse enunciado, temos a presença da *modalidade apreciativa* marcada pelo verbo do presente do indicativo *considera*, pelo grupo verbal *ter sido* que irá funcionar como auxiliar e, também, pelo adjetivo *essencial*; formando, assim, uma espécie de

complexo modal. Segundo Bronckart (1999: 332), a *modalidade apreciativa* marca-se pela presença de uma ou mais avaliações sobre alguns aspectos do conteúdo temático. Essas avaliações procedem de julgamentos manifestados por uma das vozes enunciativas presentes no texto. Assim, a avaliação manifestada nessa primeira enunciação é marcada tanto pelo verbo quanto pelo adjetivo e é pronunciada pela voz do partido CDS-PP.

Ainda, com relação às vozes, podemos dizer que este *cartoon* é um gênero autoral e, por conseguinte, temos o autor do texto como uma das vozes marcadas. Essa voz é manifestada não só pela presença do seu nome, “Luís Afonso”, ao lado do título, *Bartoon*, como também pela sua própria assinatura. Já a imagem apresenta as vozes sociais marcadas pelo desenho do garçon e do seu visitante e pela voz da mídia representada no desenho do jornal. Esta voz, por sua vez, será a responsável pela notícia lida pelo visitante. Ora, podemos entender, então, que o autor ao colocar a imagem de um jornal neste texto estabelece uma voz enunciativa procedente da mídia escrita. Portanto, quem anuncia a avaliação é a voz do jornal através da imagem, trazendo a entidade que responde por essa avaliação, ou seja, o partido CDS-PP. Dessa forma, o autor passa a responsabilidade enunciativa para o jornal que, por sua vez, coloca o CDS-PP como responsável pela avaliação expressa.

Outro ponto importante a ser observado na análise da modalização desse texto é a colocação das aspas localizada no último enunciado, *ah, sim... aquele “outro partido”, como Cavaco lhe chama*. Para Maingueneau (2002), a colocação das aspas é considerada uma marca da *modalização autonímica*, sendo uma das mais frequentes e, também, das mais discretas. Ainda, segundo esse autor, as aspas, ao incidir sobre um elemento do texto, deixa-o vazio de significado, tornando-o, assim, um espaço a ser validado ou preenchido pela interpretação do co-enunciador. Ou seja, o autor remete ao seu co-enunciador a tarefa de preencher significativamente a lacuna deixada pelo produtor. No caso do texto aqui analisado, o uso das aspas na expressão “outro partido” juntamente com “como Cavaco lhe chama” marca a presença da *modalização autonímica*. Isto é, encaminha o leitor para perceber que, apesar do CDS-PP ter um tipo de avaliação, *considera ter sido essencial*, ela não coincide com a do Cavaco, embora o Cavaco tenha sido candidato por uma coligação entre o seu partido PSD e o outro partido, CDS-PP. Ao aludir a Cavaco com o termo “outro partido”, o autor brinca com essa coligação dando um outro significado ao termo “outro partido”. Essa interpretação é preenchida pelo leitor que deverá considerar “outro partido” como um partido insignificante. Ao ser preenchida significativamente a lacuna permitida pelas aspas, a construção do humor e da sátira está garantida.

3.2. Análise do texto B: o *outdoor* partidário

O *outdoor* partidário é, como sabemos, um gênero textual que visa essencialmente a fazer com que um eleitor vote num partido, acatando determinada idéia. Para tal intuito, códigos semiológicos diferentes são utilizados (lingüístico, cromático, gráfico, icônico/fotografia, desenho, montagem fotográfica) que influenciam, como veremos, a construção de alguns

mecanismos enunciativos no cartaz, dentre eles as modalizações (objeto de estudo deste trabalho) e contribuem para que o *efeito persuasivo* do cartaz seja atingido. Assim como o *cartoon*, é um gênero textual cujas condições de interpretação e de produção se encontram diretamente relacionadas às práticas sócio-político-históricas em que é o cartaz é interpretado/produzido.

Em relação à interpretação, por exemplo, são exigidos, por parte do leitor, conhecimentos prévios sobre questões políticas e sociais para que o texto pertencente a este gênero possa vir a ser interpretado de uma ‘forma contextualizada’. Na verdade, o leitor deve realizar um *percurso interpretativo* que dependerá, como bem afirma Rastier, de uma *interpretação situada* por parte do interpretante: “(...) le sens du texte est immanent à sa situation d’interprétation, pourtant transitoire et variable (...). Il s’établit donc dans le rapport avec son interprète, au sein d’une pratique sociale” (1994: 329). No caso do cartaz em análise, por exemplo, um leitor, menos informado, pode até depreender o objetivo do cartaz “A imigração deve acabar”, contudo ele poderá ‘melhor’ interpretá-lo se souber previamente qual o papel do partido de extrema direita no país e que o país votava na época a Lei da Imigração. Com isso, o leitor poderá ‘compreender melhor’ o teor da resposta *indignada* do partido de extrema direita aos políticos que votassem favoravelmente à lei que tramitava no governo.

No que tange a aspectos relativos à produção do *outdoor* em análise, podemos afirmar que este *outdoor* começou a circular em março de 2007, na rotunda da Marquês de Pombal, no centro de Lisboa, no momento em que a Lei de Imigração (como já afirmamos) que regularizava a situação dos imigrantes em Portugal era discutida⁸. Nesta época, o Partido Nacional Renovador (PNR) dá início a uma campanha contra os imigrantes no país. Dessa forma, as escolhas lingüístico-textuais⁹ perpetradas pelo agente produtor (no caso uma agência de *marketing* político) serão selecionadas em função desse contexto.

O cartaz apresenta a fotografia de José Pinto Coelho, líder do PNR, uma faixa em vermelho – “Portugal ao portugueses” – e proclama um término da entrada de imigrantes – “Basta de imigração” e “Nacionalismo é solução” –. Apresenta, ainda, a imagem de um avião em vôo com uma legenda “façam boa viagem”. Esse *outdoor* relança uma polêmica, na altura, entre os militantes do Partido Nacionalista e alguns segmentos do governo. Os primeiros pensam que não devem ser promovidas políticas a favor da imigração enquanto houver portugueses numa situação econômico-social precária; já os demais acreditam que os imigrantes podem ser a solução para enfrentar os custos em saúde e pensões de uma população envelhecida em Portugal e que têm um importante papel como população ativa no país.

⁸ Esta foi aprovada em 4 de julho de 2007 e tem como objetivo tornar a integração de imigrantes mais rápida, tornando o processo de autorização de residência mais simples e menos burocrático.

⁹ Não podemos esquecer que o *texto*, para nós, é uma *unidade comunicativa* composta tanto por unidades verbais quanto por unidades não-verbais.

A partir desse breve levantamento do *contexto de produção*, podemos melhor compreender o conteúdo temático do *outdoor* que versa sobre a *Crítica à continuação da Imigração* e temos condição de fazer uma análise dos *mecanismos enunciativos* mais relevantes no cartaz. Evidentemente, como já salientamos, a apreensão das vozes enunciativas no universo textual é de extrema importância para que sejam identificadas as modalizações que representam as ‘impressões digitais’ dessas mesmas vozes. Vejamos, então, o cartaz a seguir:



Figura 2: *Outdoor* partidário – março de 2007

Neste gênero textual, a complexidade das *instâncias de produção* é bem marcante. Evidentemente, existe o partido político – no caso do exemplar em análise é o PNR –, mas também atuam o estrategista (responsável da agência de *marketing* político que ‘traduz’ para os outros integrantes da agência os objetivos da campanha); o redator; o diretor de arte; o candidato/político ou pessoa nomeada por ele. Enfim, o trabalho de criação e execução é sempre de equipe e várias idas-e-vindas são necessárias até que o produto final seja atingido. Dessa forma, toda essa complexidade deixará, evidentemente, marcas no universo textual sejam elas verbais ou não-verbais. Vale ser ressaltado, ainda, que todo esse universo plurissemiótico que caracteriza o *outdoor* político é construído em função do objetivo a que se propõe a campanha, às representações daquilo que a população espera que um partido de extrema direita possa defender, aos valores sociais e relacionais com os demais partidos políticos.

No cartaz, em análise, poder-se-iam considerar duas vozes supra-ordenadas: a do partido – o PNR – e a do estrategista da agência de *marketing* político. De certa forma, eles instauram vozes infra-ordenadas, enunciadores ou entidades no universo textual que traduzem julgamentos, valores, em função das representações dos potenciais leitores que tentarão interpretar o conteúdo do que é exposto. Essas vozes deixarão, textualmente, suas *impressões digitais* no universo textual.

A primeira voz a ser considerada seria a do diretor de arte, que é o responsável pela escolha do *ângulo de tomada* da fotografia. Observamos que este corresponde a uma *contre-plongée*, marcando certo engrandecimento da personagem (no caso o próprio candidato). Essa escolha ‘provocativa’ por

parte do próprio diretor de arte é determinante porque acentua, para uns, a ‘arrogância do candidato’ e confere ao cartaz uma agressividade que lembra, a muitos, através de *representações* indexadas *socialmente*, fotos de indivíduos que marcaram alguns momentos da história de alguns países. Para outros, dentre os quais os militantes do partido, tal fotografia corrobora o teor crítico do partido de extrema direita que, neste caso, mostra-se contrário à continuação do movimento imigratório. Esta foto, na verdade, está em sintonia com o enunciado “Basta de imigração” e poderia, a nosso ver, ser considerada um *marcador de ponto de vista*. Lembremos que o produtor da imagem ao escolher, como dissemos, determinado ângulo de tomada de fotografia, certa expressão facial do candidato do PNR privilegia alguns *topoi*¹⁰ que poderão ser recuperados pelo destinatário quando do *percurso interpretativo* do texto. O *topos* que poderia ser inferido a partir da imagem seria: [Os portugueses devem tratar de forma arrogante os imigrantes porque o país é dos portugueses]¹¹ que poderia corresponder, de forma implícita, a uma unidade textual¹² com função de argumento neste cartaz e que sustentaria a outra unidade textual explícita que atuaria como conclusão “Basta de imigração”. A relevância dessa última unidade, enquanto uma das teses do cartaz, inclusive, é ressaltada por aspectos tipográficos diferenciados: os caracteres estão em itálico (como os de outras unidades textuais), mas são maiores do que os apresentados nas demais unidades.

A outra voz seria a do *redator* (fusionada ou não com a do candidato) que faz uso tanto de *modalizações deônticas* quanto *lógicas* (com certo valor epistêmico).

Em relação às *deônticas*, poderíamos citar as duas unidades textuais: “Basta de imigração” e “Façam boa viagem”. A unidade textual “Basta de imigração” poderia ser parafraseada por [A imigração deve ser extinta] e ‘ancora’ a fotografia a ela associada. Temos a impressão de que o redator fusiona a sua voz com a do candidato. E o ponto de vista do próprio candidato (através do redator) é apresentado: [a imigração deve ser interrompida]. Já a unidade “Façam boa viagem” ilustra a imagem do avião decolando e poderia ser parafraseada pelo enunciado [Vcs devem fazer boa viagem]. É em função da avaliação de alguns segmentos da sociedade, contrários à inserção dos imigrantes na vida laboral do país, que o redator elabora tal enunciado. Lembremos que, de acordo com Campos & Xavier (1991), em enunciados em que o verbo “dever” se faz presente, o locutor não tem condição de validar (ou não) uma relação predicativa. Nesse caso, ele faz uso de outros conhecimentos, que funcionam como indícios para poder construir um valor modal quase-certo, que se aproxima da asserção estrita.

¹⁰ Para Anscombre e Ducrot (1988: 103), os *topoi* são princípios gerais e comuns “présentés comme acceptés par la collectivité”.

¹¹ As inferências textuais serão demarcadas entre colchetes.

¹² A *unidade textual* diz respeito a qualquer unidade (lexical, proposicional) implícita ou explícita (verbal ou não-verbal) que, no interior do universo textual, apresenta uma unidade de sentido.

Por outro lado, a unidade textual “Nacionalismo é a solução”, embora não instanciada por nenhum marcador lingüístico, corresponderia também, para nós, a uma *modalização lógica* (com certo valor epistêmico). No caso, o valor epistêmico refere-se ao grau de conhecimento e à interpretação que o redator faz das propostas do candidato de extrema-direita (em função, evidentemente, das representações partilhadas com alguns militantes e segmentos da sociedade). Esta unidade poderia ser parafraseada por [É de conhecimento de todos os partidários do partido e de alguns segmentos da sociedade que o Nacionalismo é a solução].

Poder-se-ia mesmo considerar a presença de uma voz social (a dos militantes do partido de extrema direita, por exemplo) importante, traduzida pela unidade textual “Portugal aos portugueses”. Esta voz poderia ser parafraseada pelo enunciado com *modalização lógica* [É de conhecimento consensual que Portugal é dos portugueses] e, de certa forma, corrobora o sentido que o termo “nacionalismo” assume neste *outdoor* político.

4. Conclusão

Para concluir, reiteramos o pressuposto teórico do ISD que estabelece a inter-relação entre a escolha dos mecanismos enunciativos e os gêneros textuais e ainda, como vimos ao longo da análise, a necessidade de relacionar o estudo das modalizações com o levantamento das vozes enunciativas.

No entanto, como foi observado, por trabalharmos com gêneros plurisemióticos e, ainda, com complexidades enunciativas distintas, tivemos de complementar o quadro teórico de que dispúnhamos com contributos de outros teóricos.

Primeiramente, tanto o *cartoon* quanto o *outdoor* partidário são gêneros plurisemióticos em que aspectos lingüísticos interagem com os não-lingüísticos. A partir disso, para a análise da modalização em textos icônicos-verbais, devem ser consideradas tanto as modalizações lingüísticas quanto as traduzidas por outros recursos semióticos (*marcadores de ponto de vista*).

Ainda, vimos, nos gêneros em análise, complexidades distintas no que tange às vozes enunciativas, o que interferiu na seleção dos marcadores de modalização. No caso do *cartoon*, uma das vozes marcadas no texto é a do próprio autor, Luís Afonso, exatamente pelo fato de ser um *gênero autoral*. Ao atribuir-se a etiqueta *Bartoon*, o leitor já é levado a ler o texto como um *cartoon*. Além da voz do autor, que é explicitada no *cartoon*, encontramos ainda outras três vozes: uma marcada lingüisticamente por uma modalização autonímica (a voz de Cavaco) e outras duas depreendidas através da imagem (a voz social e a voz do jornal). No entanto, podemos pensar que a imagem, neste *cartoon*, não terá relação direta na construção da modalização. Por outro lado, na análise do *outdoor* partidário, vimos uma grande complexidade de vozes enunciativas (no mínimo quatro) e a imagem, no caso, pode ser considerada uma *marcação de ponto de vista* porque denota a avaliação do

diretor de arte (uma das vozes) sobre o que é veiculado pela mensagem linguística. E, ainda, podemos pensar que a imagem, associada sobretudo a modalidades deônticas, neste exemplar de gênero, contribui para conferir ao texto um alto grau de *potencial persuasivo* (Pinto, 2006: 215).

Dessa forma, embora os recursos semióticos não-verbais – no caso a imagem – atuem do ponto de vista enunciativo e argumentativo de forma diferenciada nos dois gêneros, eles (em consonância com os recursos verbais) levam o leitor a articular pontos de vista e *convocar discursos*, estabelecendo percursos interpretativos. Como afirma Rastier:

Toute interprétation consiste en un parcours: ainsi, pour passer d'un mot interprété à son voisin qui ne l'est pas encore, il faut propager par présomption des traits déjà actualisés, et/ou faire détour par des interprétants relevant de la doxa (dont les topoï, qui sont des axiomes normatifs) ou des textes connus dans le corpus.

Rastier (2001: 118)

Referências

- Anscombe, Jean-Claude & Oswald Ducrot (1988). *L'argumentation dans la langue*. Liège: Pierre Mardaga.
- Bally, Charles (1944). *Linguistique générale, linguistique française*. Berne: A. Francke.
- Bronckart, Jean-Paul (1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo socio-discursivo*. São Paulo: EDUC.
- Bronckart, Jean-Paul (2004). Commentaires conclusifs. Pour un développement collectif de l'interactionnisme socio-discursif. *Calidoscópico* 2 (2), pp. 113-123.
- Campos, Maria Henriqueta da Costa (1997). *Tempo, Aspecto e Modalidade, Estudos de Linguística Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Campos, Maria Henriqueta da Costa (2004). A modalidade apreciativa: uma questão teórica. In Fátima Oliveira & Inês Duarte (orgs.). *Da Língua e do Discurso*. Porto: Porto Editora, pp. 265-281.
- Campos, Maria Henriqueta da Costa & Maria Francisca Xavier (1991). *Sintaxe e Semântica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carreira, Maria Helena de Araújo (1997). *Modalisation linguistique en situation d'interlocution: praxémique verbale et modalités en portugais*. Paris: Peeters Louvain.
- Charaudeau, Patrick (1992). *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette.
- Culioli, Antoine (1990). *Pour une linguistique de l'énonciation. Formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys.
- Le Querler, Nicole (1996). *Typologie des Modalités*. Caen: Presses Universitaires de Caen.
- Kress, Gress & Theo Van Leeuwen (1996). *Reading Images – the grammar of visual design*. Routledge: New York.

- Leal, Audria (2004). *A modalidade em perguntas tag*. Trabalho final apresentado no Seminário de Semântica, Universidade Nova de Lisboa.
- Maingueneau, Dominique (2002). *Análise de Textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez. 2ª edição.
- Maingueneau, Dominique (2005). As Categorias da Análise do Discurso. In *Análise do Discurso*. Lisboa: Hugin Editores, pp. 81-105.
- Mendonça, Márcia Rodrigues de Souza (2002). Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In Angela Paiva Dionísio, Anna Rachel Machado & Maria Auxiliadora Bezerra (orgs). *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, pp. 194-207.
- Palmer, Frank Robert (1986). *Mood and Modality*. Londres: Cambridge University Press.
- Pinto, Rosalice (2006). As modalidades lingüísticas e os gêneros de texto: que previsibilidade. In *Textos Seleccionados. III Encontro Internacional de Análise Linguística do Discurso*. Braga: Universidade do Minho / Centro de Estudos Humanísticos, pp. 201-217.
- Pottier, Bernard (2000). *Représentations mentales et catégorisations linguistiques*. Louvain-Paris: Peeters.
- Rastier, François (1994). Sur l'immanentisme en sémantique. *Cahiers de linguistique française* 15, pp. 325-335.
- Rastier, François (2001). *Arts et sciences du texte*. Paris: PUF.
- Vion, Robert (2004). Modalités, modalisations et discours représentés. *Langages* 156, pp. 96-110.